

A FORMA CLÁSSICA DE ROMANCE HISTÓRICO EM *UM AMOR ANARQUISTA*

FASHION CLASSIC HISTORICAL ROMANCE IN *UM AMOR ANARQUISTA*

Andressa Marzani¹

Naira de Almeida Nascimento²

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar a obra *Um amor anarquista*, de Miguel Sanches Neto, através do viés proposto pelo filósofo húngaro György Lukács. O romance ficcionaliza a experiência anarquista da Colônia Cecília, ocorrida em território paranaense entre os anos de 1890 e 1894. Utilizando-se do aparato conceitual trazido por Lukács, pretende-se discutir a relação entre Literatura e História, presente na obra.

Palavras-chave: Colônia Cecília. Anarquismo. Literatura. História. Romance histórico.

Abstract

This article aims to analyze the work *Um amor anarquista* (“An anarchist love”), by Miguel Sanches Neto, through the proposes of the Hungarian philosopher György Lukács. The novel created a fiction about the anarchist experiment of Cecília colony, occurred in the Paraná State territory, Brazil, between the years of 1890 and 1894. Using the conceptual apparatus brought by Lukács, we intended to discuss the relationship between Literature and History, present in the literary work.

Keywords: Cecília colony. Anarchism. Literature. History. Historical novel.

Introdução

Neste artigo, abordaremos as relações entre a História e a Literatura presentes no texto literário *Um amor anarquista*, de Miguel Sanches Neto, relacionando-as com as contribuições do filósofo György Lukács. Para tanto, optamos por ocultar a biografia do autor, iniciando com a reflexão sobre os dados históricos contidos na trama, e passando por fim para o enquadramento do romance enquanto romance histórico.

1 Um amor anarquista – algumas considerações

1.1 O romance e sua relação com a História

¹ Graduação em História pela UFPR e Especialista em Literatura Brasileira e História Nacional pela UTFPR-Curitiba. E-mail: andressamarzani@gmail.com

² Prof. Orientador, Mestre e Doutor em Estudos Literários pela UFPR. Pós-doutor pela UFPR. Prof. adjunto da UTFPR-Curitiba. E-mail: naira.alm@gmail.com

Um amor anarquista foi escrito em 3ª pessoa. No entanto, o texto alterna os trechos desta narração com cartas e outros textos escritos pelo personagem Giovanni Rossi em 1ª pessoa. O romance surgiu de uma pesquisa que Miguel Sanches Neto vinha fazendo sobre a colônia anarquista há algum tempo, tendo inclusive entrado em contato com excertos das obras originais do idealizador Rossi e com alguns descendentes dos pioneiros. Destarte, o autor se utiliza de documentos e fatos verídicos (como o triângulo amoroso anarquista) para compor o romance, que aborda a história dos anos iniciais e finais da Colônia Cecília. A obra foca-se principalmente na questão do *amor anarquista*, ou seja, o amor livre, sem as barreiras do casamento e da fidelidade conjugal. Sobre a escolha do tema, o romancista afirma ter sido pela ousadia, pela polêmica da temática que, ainda por cima, renderia boas possibilidades narrativas (SABINO, 2005, p. 112).

A Colônia Cecília foi uma *comuna* experimental anarquista sediada na região do município paranaense de Palmeira entre os anos de 1890 e 1894, idealizada e conduzida pelo agrônomo Giovanni Rossi (1859-1943). As *comunas* foram experiências de sociedades comunitárias do século XIX, baseadas na divisão igualitária dos bens. A denominação deriva de um episódio ocorrido na França em 1871, a Comuna de Paris, em que um grupo, influenciado por ideias socialistas, tentou implantar um governo revolucionário.

A colônia Cecília foi a primeira tentativa de implantação do ideário anarquista no Brasil. Rossi, que já há algum tempo pesquisava e escrevia sobre o anarquismo na Itália, baseado principalmente nas obras de Fourier e Malatesta, havia publicado uma série de livros, entre 1878 e 1891, chamados *Un comune socialista*, em que expunha suas ideias. Alguns dos temas abordados foram a crítica à propriedade privada, o incentivo à divisão dos bens, ao amor livre e a uma sociedade mais igualitária. Uma das curiosidades do livro é que a personagem principal se chamava Cecília, inspiração para o nome da colônia experimental.

Pela divulgação de sua ideologia, Rossi foi perseguido e preso. Mudando de cidade em cidade, acabou adquirindo uma propriedade em Cremona, local onde fundou uma cooperativa agrícola de ideais socialistas, chamada *Cittadella*. A experiência obteve ótimos resultados; entretanto, não satisfeito plenamente, o anarquista resolveu procurar outro lugar para dar continuidade ao projeto. E, assim é que, em fins do século XIX, juntamente com cinco outros libertários, veio para o Brasil. Seu destino inicial seria o Uruguai, tendo por isso tomado um navio mercante que se dirigia para o Rio Grande do Sul. Entretanto, os enjoo sofridos por alguns integrantes os fizeram parar no Porto de Paranaguá. Desta forma, acabaram mudando de rumo e adquirindo um terreno próximo à cidade de Palmeira, onde fixariam a comuna.

A obra de Miguel Sanches Neto se inicia *in media res*. Logo no princípio, somos confrontados com um homem e uma mulher, Giovanni e Adele, discutindo uma relação amorosa a três – ou melhor, a quatro pessoas, visto que o que se discute é justamente a entrada de um quarto integrante na relação, um rapaz francês chamado Jean Gèleac. O debate não é apenas sobre a participação ou não do jovem no triângulo, mas de que modo isso se dará e de que maneira o fato tem relação com os princípios anarquistas. Pelo conteúdo da conversa, cremos pertencer ela a uma fase mais avançada da vida na colônia. No entanto, logo em seguida, o romance apresenta as cartas originais escritas pelo idealizador Giovanni Rossi, que foram enviadas a amigos e meios de imprensa da Europa, fazendo a propagação das ideias da comuna, falando do início dos empreendimentos, das dificuldades com o trato da terra etc. Estas cartas aparecem datadas do início do experimento, ainda em 1890; parecem deslocadas se comparadas ao andamento da narrativa.

Desta forma, somos confrontados no romance com duas narrativas: a que podemos considerar “principal” – que apresenta o desenvolvimento da vida na colônia –, e a que traz a transcrição das cartas escritas por Rossi. Após esse início, por volta da página 35, a narrativa principal retoma o tempo das cartas de Rossi, contando a vida nos primeiros anos da Colônia Cecília.

Vida esta nada fácil: a narrativa já começa descrevendo conflitos. A dificuldade da chegada em terras novas e desconhecidas, com um clima e população completamente diferentes dos que os imigrantes estavam habituados; a vinda de uma maioria de imigrantes de áreas urbanas, que não tinham contato com a agricultura e, portanto, não conheciam as técnicas e nem estavam habituados ao trabalho pesado nas lavouras; a falta de dinheiro e de bens; a alimentação precária, entre outros percalços, ficam visíveis já de início. Entretanto, pontos positivos também são levantados, como a benevolência e hospitalidade do povo paranaense – principalmente das colônias vizinhas e de Palmeira, a cidade mais próxima, que receberam muito bem os anarquistas –, e o auxílio, sempre prestimoso, do Dr. João Grillo, médico italiano que morava no Brasil fazia algum tempo.

Esse detalhamento da construção da colônia e de seu modo de vida no romance, em que o autor se utiliza até mesmo de documentos históricos existentes, permite-nos refletir sobre as características que tornam a obra um romance histórico. Desta forma, a narração do contido no romance será por ora interrompida, para necessária conceituação.

1.2 Um romance histórico clássico

Conforme comentado, esse entrelace com a realidade da época nos permite categorizar a obra como romance histórico. Utilizamos aqui da conceituação de “forma clássica do romance histórico”, proposta por Gyorgy Lukács (2011). De acordo com o pensador húngaro, o romance histórico tal qual o conhecemos hoje surgiu na Inglaterra no início do século XIX, na esteira das rápidas transformações por que passava a Europa. A influência do pensamento iluminista e o ineditismo da Revolução Francesa vieram a modificar profundamente as relações sociais, trazendo à tona a questão do *sujeito histórico* – isto é, aquele indivíduo que transforma a história, o indivíduo participativo. Se antes o processo histórico era considerado algo natural, “orgânico”, as mudanças que convulsionaram a Europa do XVIII possibilitaram ao indivíduo comum apreender “sua própria existência como algo historicamente condicionado na história, algo que determina profundamente sua existência cotidiana, algo que lhe diz respeito diretamente” (LUKÁCS, 2011, p. 40).

Do mesmo modo, a consolidação da classe burguesa, inseparável do sentimento de nacionalidade, possibilitou através das diversas lutas travadas – seja pela defesa do território nacional, como no caso das invasões napoleônicas; seja por reconfigurações sociais internas – a vivência da história pelas massas, e a noção de que dada condição social e econômica é também determinada historicamente. Desta forma, modificou-se a própria noção de história, considerada, depois da mudança aludida por Lukács, como um processo transformável pela ação dos sujeitos.

Essa nova noção emergiu inclusive dos processos de reação às novas configurações: o romantismo historicista, de acordo com o filósofo, teria surgido como uma busca histórica a um passado idílico medieval, a uma época anterior à Revolução Francesa. Destarte, independente de seu *status* de reação ou afirmação ao caráter revolucionário, uma nova concepção histórica nasce destas transformações, e nada tem a ver com a sua predecessora.

Assim sendo, Lukács demonstra que o romance histórico surgiu como expressão artística das rápidas mudanças por que passava a Europa do período. Teve como local de origem a Inglaterra, com as publicações de Walter Scott, por esta já ter passado por revoluções ainda no final do século XVII, diferentemente da França e demais países europeus. Por volta do final do século XVIII e início do XIX, estava a Inglaterra estabilizada politicamente e dava início à sua Revolução Industrial, que posteriormente serviria de modelo de progresso ao restante do mundo. Tal fato permitiu o emergir de uma sensibilidade para o desenvolvimento histórico no país, que seria condensado sob a forma de romance.

A principal diferença entre este novo romance e os anteriores romances realistas e de temática histórica do século XVIII é que, além de conseguir representar plasticamente a

realidade, relacionando a história aos fatos narrados na obra, o romance scottiano consegue abarcar o elemento especificamente histórico – o fato de a particularidade dos indivíduos ativos residir em seu tempo histórico específico. A questão do indivíduo enquanto tal se coloca central: suas características, condicionadas ao período histórico de que provém, e sua ação dentro do processo histórico, aparecem nesse novo romance de forma nítida e precisa. Tal posicionamento está relacionado, como já visto, à própria percepção dos indivíduos, nas mudanças ocorridas entre os séculos XVII e XVIII, de sua potencialidade de ação no processo histórico. Deste modo, o romance histórico surgido a partir de Walter Scott não apenas se utiliza dos fatos para emprestar personagens ou recriar situações; antes, trabalha o próprio significado destes eventos históricos, refletindo sobre a ação dos homens no tempo.

Miguel Sanches Neto consegue apresentar de maneira clara o período histórico no qual se desenvolveu a Colônia Cecília. A vinda das primeiras levas de imigrantes para o país, que traziam pouco dinheiro para contribuir para o *caixa social* (o “cofre” coletivo dos moradores da colônia, que deveria ser um bem comum), as dificuldades encontradas, como a diferença do clima, a árdua lida com a terra, a pobreza e a falta de conforto e de bens, as relações entre os imigrantes e os habitantes da região, os conflitos internos, ficam claros em passagens como esta:

O resto do mês foi de serviços urgentes e desgastantes, que consumiam a pouca energia dos homens. Os solteiros emagreciam rapidamente, a comida tinha se tornado mais aguada, o café vinha ralo e preto, pois a única vaca leiteira não se deixava mais ordenhar. (SANCHES NETO, 2008, p. 41).

Ou esta:

Trabalharam unidos nesta nova empreitada, com a ajuda dos vizinhos, principalmente desta gente prestativa, os Schühli, que passavam as horas de folga na obra. (SANCHES NETO, 2008, p. 74).

E ainda outra, em que o idealizador do experimento, Giovanni Rossi, reflete sobre uma família que estava roubando e escondendo alimentos da cozinha coletiva para seu próprio proveito:

Lembrou-se com carinho de Achille Dondelli. Fora vendedor de vinho, mas trocara o comércio, em que não precisava de grandes esforços, por semanas de sete dias na roça – uma das vantagens de ser ateu é não precisar guardar o feriado semanal do Senhor. Achille e sua família comiam mais do que os solteiros, era algo errado, mas não iria acusar ninguém, nem mesmo comentaria isso, pois um dia a fatura seria tanta que não haveria razão para enganar os outros. (SANCHES NETO, 2008, p. 42).

Para além das descrições detalhistas, o autor consegue trabalhar bem as motivações das personagens dentro do processo histórico, o ideário da época e a confrontação com sua realização prática. Através das motivações que levaram Giovanni Rossi a idealizar a Colônia Cecília, percebemos um pouco dos ideais anarquistas, que vão se definindo ao longo do século XIX.

Ideais estes que não tinham forma acabada, principalmente na visão do mentor da comuna experimental, mas que foram aprimorados na vivência cotidiana. Sobre seus principais motes – a crítica à vida burguesa e à propriedade privada, a ideia de uma sociedade mais igualitária, com a divisão comunitária do trabalho e dos bens, e a dissolução de qualquer forma de exploração do homem pelo homem (seja ela exploração no trabalho, familiar, ou outra) – os ideais anárquicos na colônia foram testados e moldados na prática. Essa representação segue a discussão historiográfica levantada por Beatriz Lolla (1999), que demonstra ter sido Giovanni Rossi um idealizador, um sonhador que foi testando e adaptando suas ideias nos diferentes experimentos que dirigiu.

Deste modo, podemos perceber o romance *Um amor anarquista* como uma forma clássica de romance histórico: os detalhes da vivência cotidiana dos personagens, suas dificuldades, anseios e medos, que foram moldando suas ações e transformando o curso da História, de maneira direta ou indireta. Embora em alguns casos ficcionais, tais personagens podem muito bem se enquadrar na descrição de um imigrante italiano comum do século XIX que entrou em contato com as ideias anarquistas e tentou experienciá-las, mudando-se para o Brasil e participando da construção da colônia de Rossi. Com todas as dificuldades e contradições inerentes a esse processo de aceitação e vivência de uma ideologia e um modo de vida alternativos.

É nítida a contradição entre os ideais que levaram à construção da colônia e sua absorção pelos diferentes membros que dela fizeram parte. Muitos dos que imigraram para a Cecília não tinham nem mesmo um conhecimento exato do que era o anarquismo; vinham fugidos da situação de miséria em que se encontrava a Itália do período. O romance consegue transmitir esse detalhe mais ordinário, por assim dizer, da História oficial. Isso fica ainda mais claro quando o que o autor coloca como um dos problemas principais da colônia – *o problema amoroso* – vem à tona. Problema esse que será melhor abordado no tópico abaixo.

1.3 Os amores anarquistas

Apesar das dificuldades citadas, nenhuma aparece no romance como mais emblemática do que esta: a colônia dispunha de um número bem maior de homens do que de mulheres, e as que habitavam no local já eram comprometidas. Com isso, os moradores homens, desabituaados que estavam da vida dura do trabalho rural, iam aos poucos desanimando, ou entrando em conflitos com os homens casados, na disputa pelas escassas mulheres. Como um experimento anarquista, uma das premissas básicas do empreendimento deveria ser o amor livre, sem a observação da família – considerada, pelos libertários, uma instituição burguesa opressora e destituída de valor real. Entretanto, a maioria de seus habitantes ainda conservava seus preconceitos e hábitos de uma vida anterior em família, e uma das maiores dificuldades encontradas por seu idealizador era justamente difundir a totalidade do ideário anarquista entre os habitantes da comuna.

Para solucionar o problema da falta de mulheres, Giovanni recorre primeiramente à entrada de uma prostituta da região, de nome Maria, na colônia. Considerando-se as consultas feitas por Miguel Sanches Neto às cartas de Rossi e outros materiais relativos ao experimento, pode-se auferir ser um dos casos que ocorreu, pelo menos de maneira semelhante à narrada. Apesar de não contar a ninguém sobre sua origem, Maria logo acaba se revelando por seus atos, pois aceita deitar com todos os homens, sem distinção, solteiros e casados – o que logo provoca a ira de Cattina, mulher casada e grávida, que fica indignada com a atitude da moça. A situação torna-se insuportável quando o marido de Cattina, Achille, acaba se relacionando com Maria e é descoberto, provocando cenas de ciúmes e discussões exaltadas:

Vestindo-se, Achille ficou só com a mulher, os outros estavam tomando café. A mulher quis saber de novo o que faltava, ele disse você sabe muito bem, não preciso ficar falando, acha que a vida de um homem é só trabalho, só comer e dormir?
- Não podia esperar mais umas semanas?
- Quantas já estou esperando?
- Você está é apaixonado, a gente vê isso nos seus olhos.
- Não, só me dei o que um homem merece. Um homem que trabalha.
- Um corpo de vagabunda.
- *De mulher livre.*
- *Então foi para isso que viemos para cá, para mudar o nome das coisas? Isso virou liberdade, tem o mesmo valor, é agora uma palavra nobre?* (SANCHES NETO, 2008, p. 64, grifos nossos).

Dado o caráter incontornável da situação, Rossi é forçado a retirar Maria do convívio na comuna. Pensa em retomar a tentativa mais tarde:

[...] O ideal que unia os pioneiros estava se esboroando, e eles precisavam arranjar alguma coisa que os unisse de novo. Rossi sabia que não poderia ser outra meretriz, mas uma mulher, uma mulher que pertencesse ao anarquismo, a sua entrega não

sendo só sensualidade, como em Malacarne [apelido de Maria], e sim prioritariamente princípio, luta pelos direitos femininos, ato político consciente, caso contrário acabaria em mera confusão de sentidos, em perturbação dos instintos masculinos, quando o amor deveria ser arma usada contra o poder e não distúrbio de glândulas, que os levaria de volta à promiscuidade primitiva. (SANCHES NETO, 2008, p. 72).

O convívio na Colônia Cecília seria alterado várias vezes, desta vez pela chegada e saída de imigrantes. Em uma leva, chegam à comuna os primeiros agricultores, treze indivíduos, entre homens, mulheres e crianças, chefiados pelas famílias Artusi e Agottani. Com sua experiência, logo remodelam e fazem crescer e prosperar a colônia. No entanto, acabam abarcando para si as maiores responsabilidades e, com isso, o comando do grupo. Comando este que vem não sem disputas entre os velhos e os novos habitantes. A situação coincide com a ida de Giovanni Rossi à Itália, na busca de mais membros para a colônia – o que facilitou a expansão do “poder” destes agricultores, visto ser o idealista um líder e pacificador natural. As tensões e disputas chegam ao ponto de uma parte do grupo instituir a decisão por voto, na lógica do “quem não trabalha, não vota”, excluindo boa parte dos indivíduos e descaracterizando a colônia de seus primeiros tempos.

Com isso, antigos moradores, como Achille, Evangelista, Cattina e Giacomo, abandonam a comuna. Novos moradores, vendo as dificuldades sobrepujarem as conquistas, também acabam deixando o local, totalizando sete famílias a menos. A terra que demorava a dar frutos, a pobreza e o desconforto permanentes, as saídas em massa, a falta de mulheres – tudo isso desanimava os que ficavam e fazia a colônia ficar à mercê da ação do clima e do tempo. A todo o momento, o romance relaciona estas dificuldades com o processo histórico maior, o da questão das disputas pelo governo, das ideologias e sua aplicação prática. Na voz de um de seus personagens: “Faltava um líder, um líder com ideias de justiça, o homem precisa de alguém que diga o que é certo e o que é errado, e se não vive sem líder, o anarquismo nunca vai prosperar. É um sonho. Sonho bonito.” (SANCHES NETO, 2008, p. 111).

Entre altos e baixos, como uma fênix que renasce, novos moradores chegam à Colônia Cecília: sete jovens, com disposição para aprender e trabalhar, que trazem dinamismo ao local. Com ânimo de sobra e sem reclamar, vão aos poucos fazendo reviver a colônia, consertando cercas, plantando novas culturas, trazendo alegria com suas risadas e brincadeiras. Com Rossi de volta, o espaço encontra um novo tempo de estabilidade e relativa fartura.

Entretanto, novamente o *problema amoroso* e as contradições entre ideologia e prática se fazem sentir: a permanência de jovens, na maioria homens, no auge de seu frêmito sexual, contrastava com a chegada das últimas famílias, sobretudo agricultores simples que mantinham as velhas tradições. Estas famílias tentavam manter ao máximo suas filhas e mulheres longe destes jovens, e longe também da influência dos discursos de Giovanni Rossi – que, sempre que podia, tentava dar um passo a mais na consolidação do anarquismo na colônia, discursando sobre o amor livre, sobre a perniciosidade da família, entre outros.

- O casamento monogâmico – continuava Rossi – deve ser abolido nas futuras gerações da Colônia. Não vamos obrigar ninguém a largar suas famílias, cada um faz o que quer, abominamos arbitrariedades, mas é preciso dizer que nenhuma mulher está presa por obrigações religiosas ou morais a seu marido, que cabe a elas destruir a prisão da fidelidade conjugal...

[...] Depois da janta-discurso, já protegidos em sua casinha, Restilla, mulher de Ernesto Ganazolli, colocou os filhos mais novos para dormir e chamou a um canto Emília [...] para lhe explicar que o Dr. Rossi tem lá as ideias dele, anda muito sozinho, e esta mania de falar em amor livre é por não ter se casado ainda; se tivesse mulher e filhos, não ficaria perdendo tempo com tais conversas [...].

Passados seis meses, em 11 de junho de 1892, depois de um namoro rápido, neste lugar é melhor ter uma filha casada, pensaram os pais, para não se correr o risco de vexames, Emília Ganazolli se casava com Cristiano Mueller, no cartório da cidade de Palmeira, sem cerimônia religiosa. (SANCHES NETO, 2008, p. 135-136).

Através destes dois exemplos, percebemos como o idealizador Giovanni encontrava dificuldades para a plena aceitação dos ideais da colônia, ao mesmo tempo em que ele mesmo estava construindo dia-a-dia tal forma de pensamento, testando na prática. Muitos moradores provinham de uma cultura em que o casamento monogâmico era o caminho a ser seguido, sem questionamentos. Ao serem confrontados com estas ideias – e mais, Rossi, ao ser confrontado com a forma de pensamento que considera arcaica e ultrapassada –, os personagens foram, por meio de suas ações, moldando os rumos da colônia e modificando e amadurecendo a experiência anarquista como um todo.

E é nestas circunstâncias que Narcisa, a jovem filha de um dos colonos, começa a se envolver, à semelhança de Maria, com vários homens da região. A jovem, que não era meretriz nem se empolgava muito com os ideais anarquistas, fazia-o simplesmente porque gostava e porque com isso ganhava presentes dos homens. Em um acordo implícito, todos lhe traziam algo, nem que fosse um pão, um salame ou outro alimento. Com isso, passava os dias a fazer nada, apenas se aproveitando dos presentes recebidos. Aos poucos a jovem foi despertando a ira dos outros habitantes, principalmente das mulheres, quando começou a se envolver com homens casados.

A partir da chegada de um espanhol, Puig, conhecido foragido da justiça, Narcisa passa, em companhia deste, a “comercializar” seus encontros, fazendo exigências, marcando hora e provocando ciúmes e disputas. A situação torna-se insuportável, até o ponto em que o próprio Rossi tenta intervir, fazendo discursos sobre a necessidade do amor livre não virar comércio e da prostituição como uma reafirmação da moral burguesa, e não seu contrário. Por fim, Puig e a jovem fogem, levando uma grande quantidade do caixa social, e deixando para trás as discórdias e desavenças que causaram.

Novamente, as dissidências entre a ideologia e sua aplicação prática se fazem presentes. Não somente pelo fato de Rossi não conseguir alcançar a maneira de pensar dos moradores de uma maneira homogênea. Percebemos discórdias de pensamento entre homens e mulheres, casados e solteiros, jovens e idosos. Mas, indo além, podemos refletir sobre a dificuldade de enquadramento de ação do idealizador da colônia na própria maneira de pensar que pregava. Fazendo propaganda do amor livre, mas condenando a prostituição, Rossi pode ser considerado contraditório, sob alguns aspectos. Embora condene o comércio sexual enquanto parte corrompida de uma instituição burguesa, Giovanni não repensa a prostituição como possível “arma” que ajudaria na aplicação prática de seus ideais; e nem considera a experiência de Narcisa como vivência essencialmente anarquista – apesar das discórdias e do roubo –, passando para a condenação completa de seus atos.

Esses aspectos demonstram o caráter mais “humano” do revolucionário Rossi. E é nesse caráter que vamos agora nos atentar.

1.4 O “herói problemático”

Entre estas disputas e transformações, as principais características do idealizador da colônia vão sendo delineadas no romance. Sonhador, Giovanni Rossi constrói uma ideia de vida comunitária que nem sempre corresponde à vivência na Colônia Cecília. Pacificador e paciente, tenta amenizar os conflitos, buscando compreender ambos os lados, criando soluções para os problemas. Como sua ideia de anarquismo passava pela liberdade de pensamento e de ação – o indivíduo não deveria ser obrigado a agir deste ou daquele modo; antes, deveria compreender totalmente o proposto e iniciar a transformação por conta própria –, nunca forçava os indivíduos a pensar como ele. Diversamente, sempre fazia discursos, ensinando e tentando convencer através da fala e do exemplo, nunca da força.

Tinha, no entanto, seus defeitos, e também cometia erros. Falava contra a exploração sexual do corpo através de sua troca ou comércio – no entanto, também se aproveitou da

jovem Narcisa, cedendo às fraquezas da carne. Como um sujeito comum, também se irritava e desanimava de seus intentos iniciais. Deixou a colônia sozinha por muito tempo, o que parece figurar na obra como um de seus maiores erros, visto que no período de sua ausência as disputas se tornaram maiores. Por fim, quando o empreendimento já estava indo muito mal, desiste e abandona a colônia, por volta de 1894.

Todas estas características o colocam como o “herói mediano” discutido por Gyorgy Lukács. Quando estuda a obra de Walter Scott, Lukács afirma que este procura seguir o “caminho do meio” entre os extremos da luta, a partir da figuração das crises da história inglesa. De acordo com Lukács,

Essa tendência fundamental de sua figuração se expressa de imediato no modo como ele inventa a trama e escolhe a personagem principal. O “herói” do romance scottiano é sempre um *gentleman* inglês mediano, mais ou menos medíocre. Em geral, este possui certa inteligência prática, porém não excepcional, certa firmeza moral e honestidade que beiram o sacrifício, mas jamais alcançam o nível de uma paixão humana arrebatadora, de uma devoção entusiasmada a uma causa grandiosa. (LUKÁCS, 2011, p. 49).

Deste modo, o herói ou personagem principal que surge a partir da crise não é uma figura excepcional, *fora* de seu tempo; é antes alguém dotado de certa capacidade, mas com limitações próprias de qualquer ser humano. Diferente do herói épico, conduz a trama através de seus acertos e erros, que serão fundamentais no desenvolvimento da mesma e a caracterizam de forma mais realista.

Pensando no personagem, a primeira vista temos a impressão de que ele é um idealista com qualidades excepcionais. Isso não deixa de ter sua parcela de verdade; Rossi aparece na trama como um grande homem, sonhador e preocupado com as mazelas humanas. Entretanto, sua construção ao longo da narrativa revela antes que seus ideais perpassam, de forma desigual, pelo menos uma parte dos habitantes da colônia – e mesmo admiradores de fora, como o Dr. João Grillo. Não seriam, portanto, ideais excepcionais, mas relacionados a seu tempo histórico, um período de grandes transformações, como a Revolução Industrial, que implicaram também em pobreza, desilusão e miséria às massas, ao mesmo tempo em que incentivaram o aparecimento de ideologias alternativas.

Do mesmo modo, Rossi vai testando seus ideais na prática. Algumas vezes aparece como demasiado preocupado; outras situações, no entanto, mostram-no complacente com os erros dos outros, como quando deixa Narcisa provocar a discórdia por um bom tempo antes de interferir, ou quando deixa que Cattina separe uma maior parte dos alimentos para sua família. Essas atitudes, antes de ressaltá-lo como um homem benévolo, revelam sua

mediocridade, no sentido mais estrito da palavra – aquela de um homem comum, fraco até, que por vezes não pode ir até o fim na luta por seus ideais, e que se adapta às circunstâncias, como Lukács situa o “herói” dos romances scottianos.

Destarte, até mesmo seu idealismo, apesar de grandioso a ponto de construir um experimento prático de uma colônia anárquica, revela por vezes sua alienação ou seu esquecimento temporário dos problemas. Nas palavras de um dos personagens, tal característica aparece mais de uma vez como fraqueza: “coitado do Rossi, estava tão iludido...” (SANCHES NETO, 2008, p. 94). Tão iludido que por vezes não percebia os caminhos que a comuna seguia.

Seguindo a proposta de Lukács, a construção de um personagem mediano na obra de Walter Scott, ao contrário de ser criticável, demonstrava o talento excepcional do escritor. Diversamente do herói dos escritos românticos, que possui uma superficialidade e uma excentricidade que o tornam inverossímil, o “herói mediano” scottiano apresenta uma profundidade bem construída, que acaba por elevar a condição humana da personagem, visto lidar com seus dramas, tensões e conflitos internos. De acordo com o pensador húngaro, é “exatamente pela escolha dessas figuras centrais que a exposição scottiana da totalidade histórica de determinados graus críticos da transição da história alcança um acabamento nunca superado” (LUKÁCS, 2011, p. 51).

Pensando nesse sentido, a construção de Rossi como um “herói mediano” perpassa sua humanidade e vai além, demonstrando as contradições de seu tempo, as dificuldades da aplicação da ideologia na prática, de estabelecimento em uma nova terra, desconhecida – e os problemas maiores da convivência humana, em quaisquer circunstâncias. A opção pela utilização das cartas escritas pelo verdadeiro Rossi – que aparecem no romance em tempo diferente da narrativa ficcional – ajuda a construir esse personagem. Através da exposição de seus pensamentos, percebemos a mudança de direção e as contradições de um Rossi, de início empolgado com a empreitada, para alguém completamente desiludido.

É neste contexto que discutimos a parte final – e talvez mais importante – da obra. A entrada de uma leva nova de imigrantes, já nos anos finais da colônia, trazendo Adele, uma jovem admiradora de Rossi, muda os rumos da narrativa. Adele, mulher que já havia sido casada e que no momento vivia com outro homem, Aníbal, conhecera Rossi em uma de suas palestras na Itália e, pelo que a narrativa demonstra, desde então se apaixonara por ele. Sua empolgação com os ideais anarquistas faz com que Rossi lhe proponha formar uma *família anarquista*: uma família a três, para servir de exemplo para os demais habitantes da comuna. Com a aprovação, mesmo a contragosto, de Aníbal, a jovem inicia o trio, dividindo-se entre

Aníbal e Giovanni – trio que mais tarde, como pudemos perceber no início da obra, virará um quarteto.

Em uma relação conflituosa, todos os anseios e contradições da vida anarquista vêm à tona, inclusive nas discussões internas do personagem principal: apesar do ideal de divisão e amor livre, os personagens envolvidos sofrem, pelo ineditismo da situação, pelo constrangimento inicial de dividir a cama com alguém estranho, por ciúmes e pelo sentimento de posse que ainda os domina. Desta luta interna não escapará o “herói mediano” – como no exemplo desta bela passagem:

Uma parte de mim, no entanto, sentia falta da mulher, era minha raiz egoísta, contra a qual eu lutava todos os dias, lembrando que os interesses da Colônia tinham mais importância e minhas dores não passavam de sentimentos individuais e suportáveis. Caminhava pela estrada, vendo a lua se levantar no horizonte, uma lua cheia, luminosa, pulsando de forma tão intensa que cheguei a sentir vontade de voltar para a minha casa, para minha cama, para minha mulher. E de repente eu queria que as coisas fossem minhas. Isso era triste, mais triste que a solidão. (SANCHES NETO, 2008, p. 11).

Assim sendo, os anseios, contradições e derrotas de Giovanni Rossi o demonstram em sua plenitude. Mais do que um grande realizador ou revolucionário, era um homem comum, fruto de seu tempo histórico, que contemplava mudanças e aspirações tais como a que teve. Sua capacidade de refletir sobre si mesmo o coloca em contato direto com a ação histórica, e dinamiza a História, emprestando-lhe um novo significado, não somente de fatos que ocorreram, mas de ideais, construções e eventos que poderiam ter ocorrido e que tiveram seus significados alterados ao longo do tempo.

Ao observar de perto os fracassos de Giovanni Rossi, chegamos ao fim da colônia anarquista, detalhada abaixo.

1.5 O fim da Colônia Cecília

Essas contradições, vividas também pelos outros personagens participantes da família anarquista, não se resolveram de todo. Passando por diversas dificuldades na colônia, Adele e Aníbal, desiludidos, deixam o local. Logo Rossi também desiste, e a Colônia Cecília tem seu fim oficial em 1894. Seus últimos membros abandonam a comuna para se alistar nas fileiras da Revolução Federalista, que convulsionava o território paranaense à época.

A narrativa, neste momento, dá um salto, mostrando um tempo em que Adele, em 1946, entra no cemitério italiano de Pisa, para visitar o túmulo de Rossi, que havia morrido

alguns anos antes. Já idosa, com suas filhas (as de Rossi e de outros casamentos), relembra o passado. Ficamos sabendo que viveu com Aníbal até a morte deste, por excesso de bebida. Depois, foi acolhida por Giovanni, e viveu com ele o resto de seus dias, em um casamento que poderíamos considerar convencional. O passado anarquista ficara para trás; construíram uma vida juntos, partilharam bons momentos e também dificuldades. Em uma conversa nostálgica com as filhas, relembra:

- Eu só aceitei aquele casamento coletivo porque Giovanni queria. Era importante para ele.
- Papai era um grande homem. [diz uma de suas filhas].
- Eu só dormi com outros porque sempre amei o pai de vocês, desde o dia em que ouvi uma palestra dele. Falava como um sábio. Fiquei encantada. Fui atrás dele, cruzei o oceano, fiz tudo o que ele queria. (SANCHES NETO, 2008, p. 249).

Neste trecho, que caracteriza muito bem a discussão sobre a disparidade entre ideologia e prática, percebemos que as motivações para a entrada ou permanência na colônia variaram muito. Motivos econômicos, relacionados à segurança, sentimentos pessoais e outros também fizeram parte da construção diária do anarquismo prático na colônia. Embora não tenha dado certo, a experiência em comuna narrada no romance nos permite captar um pouco mais do espírito de agitação política e econômica e do surgimento de novas ideias em meados do século XIX, que não foram sempre marcadas por batalhas, sangue e violência, mas também pela ação cotidiana de indivíduos comuns, com toda a carga de sentimentos variados e contraditórios que essa ação pode conter.

À guisa de conclusão

Repensando a obra de Miguel Sanches Neto, podemos observar que a problematização das tensões dos personagens demonstra de maneira concisa o processo histórico, as contradições entre o querer e o transformar, entre a ideologia e a prática. Através das contradições entre as relações humanas, o autor conseguiu discutir os motivos do ápice e da falência do experimento anarquista. Trata-se, como visto, de um caso de romance histórico clássico, tal como o propôs Lukács. Entretanto, antes de encerrar as possibilidades de estudo da obra, essa categorização visa enriquecer os elementos de construção da mesma, possibilitando uma reflexão sobre a relação entre História e Literatura e sobre o fazer literário.

Referências Bibliográficas:

LOLLA, Beatriz Pelizzetti. **Reflexões sobre uma utopia do século XIX como testamento ideológico para a “terra de todas as gentes” no século XX.** Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1999.

LUKÁCS, György. A forma clássica do romance histórico. In: _____. **O romance histórico.** Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

SABINO, Mario. A utopia dissecada. **Revista Veja**, São Paulo, ed. 1919, ano 38, n. 34, p. 12, 24 ago. 2005.

SANCHES NETO, Miguel. **Um amor anarquista.** 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.